

CAMPEONATO MUNDIAL DE 1978: O FUTEBOL USADO A FAVOR DO GOVERNO DE FACTO

Clara Maduell Gómez¹

Resumo: A Copa do Mundo é o campeonato mais importante no futebol. A Argentina foi eleita sede da XI Copa em 1978, mas chegada a época da realização do evento, o país encontrava-se em plena ditadura cívico-militar. Este artigo é o resultado de pesquisas bibliográficas em fontes secundárias, seu embasamento está na literatura editada na Argentina e no Brasil sobre a relação futebol e política. Pretende mostrar as circunstâncias históricas em que o país vizinho foi campeão em 1978. A intenção dos chefes militares era desviar o olhar do povo das barbaridades cometidas para as glórias proporcionadas pelo esporte. Além de usar o futebol, fenômeno cultural de apreço popular massivo, como mecanismo de aproximação e legitimação do governo.

Palavras-chave: Argentina; Copa do mundo de 1978; Seleção Argentina; Ditadura Militar

1978 world championship: football used for the *de facto* government

Abstract: The World Cup is the most important championship in football. Argentina was elected the host of the Cup in 1978, but when the time came to hold the event, the country was in the civic-military dictatorship. This article is the result of bibliographic research in secondary sources, its basis is in the published literature in Argentina and Brazil on the relationship between football and politics. Intends to show the historical circumstances in which the neighboring country was champion in 1978. The intention of the military chiefs was to divert the people's eyes from the barbarities committed to the sport glories. Besides to using football, a cultural phenomenon of popular appreciation, as a mechanism for approximation and legitimation of the government.

Keywords: Argentina; 1978 World Cup; Argentina selection; Military dictatorship

Campeonato mundial 1978: fútbol utilizado a favor del gobierno de facto

Resumen: El Mundial es el campeonato más importante en el fútbol. Para el de 1978 Argentina fue elegida anfitriona, pero cuando llegó el momento de celebrar el evento, el país estaba en una dictadura cívico-militar. Este trabajo es el resultado una investigación bibliográfica en fuentes secundarias, su base está en la literatura publicada en Argentina y Brasil sobre la relación entre el fútbol y la política. Pretende evidenciar las circunstancias históricas en las que el país vecino fue campeón en 1978. La intención de los jefes militares era desviar la mirada del pueblo de las barbaridades cometidas para las glorias del deporte. Además de usar el fútbol, fenómeno cultural de aprecio popular, como mecanismo de aproximación y legitimación del gobierno.

Palabras-clave: Argentina; Mundial de 1978; Selección argentina; Dictadura militar

¹ Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pelotas. Porto Alegre, RS, Brasil. claramaduellgomez@gmail.com.

Introdução

En estos momentos los argentinos se han dado a sí mismos un antecedente impresionante con el Mundial de Fútbol. Esto nos obliga fuertemente a seguir, o acaso no somos capaces de darle al país lo que somos capaces de darle a un acontecimiento deportivo? (MASSERA, 1979).

A Copa do Mundo, organizada pela Federação Internacional de Futebol (doravante FIFA), é o campeonato mais importante no mundo do futebol. Juntamente com os Jogos Olímpicos Modernos, são os eventos que mobilizam o maior número de pessoas no mundo, devido, principalmente, à cobertura dos meios de comunicação (CABO, 2008).

Mas as Copas do Mundo de Futebol não são eventos somente futebolísticos, representam momentos de manifestações de identidades nacionais e espaços de tensões políticas (MAGALHÃES; CORDEIRO, 2016). Como declara Pablo Alabarces (1998), o esporte pode ser visto como cultura porque recorre formações onde se articulam sentidos sociais em distintos suportes, interpelando uma diversidade de sujeitos de maneira plural. Dessa forma, essa competição, em distintos momentos e sob variadas acepções, surge como ocasião exemplar na manifestação e exaltação de uma suposta nacionalidade (GASTALDO, 2002). O imaginário territorial, segundo Eduardo Archetti (2008), é poderoso porque combina o pertencimento geográfico com narrativas complexas sobre façanhas humanas, caracteres extraordinários e heróis históricos.

A Argentina foi eleita sede da XI Copa do Mundo de 1978 no 35º Congresso da FIFA, em Londres, no dia 6 de julho de 1966. Chegada a época de ocorrer o Mundial² de 78, o país encontrava-se em plena sangrenta ditadura cívico-militar. Depois da morte de Juan Domingo Perón em 1974, o governo peronista entrou em um processo de decadência bastante acelerado. O PIB em queda e o desemprego e a inflação em alta (NOVARO, 2016) – causas da deterioração do poder aquisitivo das classes populares, levaram o país à crise econômica. A progressiva instalação de ditaduras de direita em toda a América Latina também ajudou a desencadear o golpe de estado dia 24 de março de 1976 na Argentina.

O golpe derroca a então presidenta constitucional Isabel Martínez de Perón, viúva do ex-presidente. Os golpistas dispostos a “colocar ordem” pelos meios que fossem, pressuporam uma autêntica “carta branca” para atuar, por tempo indefinido, na defesa de um “bem comum” igualmente indefinido (NOVARO, 2016). Assim, organizaram o governo ditatorial mais sangrento da história do país autointitulado “Proceso de Organización Nacional”, popularmente conhecido como “Proceso”, e esperavam constituir algo bem mais sólido que um simples interregno militar. Uma Junta Militar das três forças armadas ditou as primeiras atas institucionais e se encarregou da forte repressão ao povo (ALABARCES, 2002).

Segundo Stephanie Dowdle (2011), a política e o futebol estão ligados. Os governos totalitários utilizam tal esporte para enquadramento e doutrinação ideológico, ou seja, como ferramenta para defender o

² Campeonato Mundial de Futebol ou Copa do Mundo

nacionalismo. O apelo com a força das massas contribui não somente para o espetáculo esportivo, mas também desempenha, em diferentes momentos, outras funções como exaltar personagens, símbolos, evocar um sentimento nacionalista e serve como instrumento de legitimação à determinada instituição política ou instância de poder (MARCZAL, 2016)

Os militares fazem, então, um Mundial em um momento escuro que vivia a Argentina. Embora no ano de 1978 o regime já desse como vencida “a guerra contra a subversão de esquerda”, ele sofria com uma intensa campanha de denúncias, no exterior, de violações dos direitos humanos. Assim, os governantes viram a possibilidade de sediar o maior evento do futebol mundial como uma oportunidade para melhorar a imagem do país, interna e internacionalmente (MAGALHÃES; CORDEIRO, 2016).

Aproveitando-se da paixão pelo futebol daquele país, criaram um evento massivo com o simples objetivo de legitimar, interna e mundialmente, o governo. O esporte foi usado como arma para controle das massas, já que unificava diferentes classes sociais, favorecendo o esquecimento, mesmo que temporariamente, das diferenças. Através de muita propaganda, um poderoso “nós” inclusivo associava a ação governamental e esportista a “todo o povo”. A marcha oficial incentivava a união: “25 millones de argentinos jugaremos el Mundial”, “en el Mundial usted juega de argentino” (ALABARCES, 2002). Assim, as pessoas podem se reunir no futebol com um falso coletivismo, a estrutura do futebol serve como um escape do mundo e da política, ao mesmo tempo que é um efeito dessa mesma causa (DOWDLE, 2011).

O governo, deixando as pessoas ocupadas demais sonhando com sua seleção campeã, distanciava os questionamentos sobre torturas, sequestros e assassinatos. Ocultando, assim, a violência repressiva necessária para a aplicação de um plano econômico que favorecia o grande capital financeiro e destruía o aparelho do Estado nacional e a economia popular.

Também tentaram, aproveitando que os olhos do mundo estavam fixados no país, passar a ideia de uma Argentina em paz e com um governo que respeitava seu povo. Ademais de ser um gigantesco plano de ação psicológica, também significou um grande negócio, cuja magnitude ainda não foi possível calcular. Foram destinados milhões de dólares para construções e reformas de estádios.

A Argentina ganhou o Campeonato naquele ano, fato que valida a ditadura com frases divulgadas na imprensa como “el mejor Mundial”, “organización extraordinária” e usa a alegria popular para criar sua própria campanha de direitos humanos. O futebol ficou, naquele ano, a serviço de um planejamento violento. Para alguns torcedores mais críticos, o “torcer para a Argentina” era uma tarefa que exigia reflexão (MÜLLER, 2010). Lamentavelmente, a sede da Copa já estava definida desde muito antes de a ditadura se estabelecer, o torneio e a vitória foram muito oportunos para afirmar o poder dos genocidas.

Este artigo é o resultado de pesquisas bibliográficas em fontes secundárias, seu embasamento está na literatura editada sobre a relação futebol e política na Argentina e no Brasil. Pretende mostrar as circunstâncias históricas em que o país vizinho foi campeão da Copa do Mundo de 1978. Na época, a intenção dos chefes militares era desviar o olhar do povo das barbaridades cometidas para as glórias proporcionadas pelo esporte.

Contexto Político e Identidade Nacional

Em 1974, Juan Domingo Perón, então presidente da Argentina, decidiu deixar a organização do Mundial nas mãos do Ministério de *Bienestar Social* a cargo de José López Rega, que criou a Comissão de Apoio ao Mundial. Em seguida da morte de Juan Domingo Perón, dia 1º de julho do mesmo ano, os conflitos políticos e sociais se aprofundaram. A presidência foi ocupada por sua mulher e vice presidenta Isabel Martínez de Perón, que não estava sendo capaz de conter a crise econômica e os enfrentamentos entre os diferentes setores da sociedade.

Em 24 de março de 1976, as Forças Armadas colocaram fim ao governo democrático de Isabel Perón, com o propósito de terminar com a corrupção e o “flagelo subversivo” (DELGADO, 2019). Após o golpe, em julho de 1976, a Junta Militar substituiu a comissão do governo de Perón pelo *Ente Autárquico Mundial '78'* (EAM '78) (ARRIBAS, 2014). Assim, criando um órgão específico para cuidar do evento, concedendo-lhe prerrogativas especiais e atribuindo sua direção a membros das forças-armadas, o Proceso de Reorganización Nacional escancarou o seu interesse na realização e, sobretudo, no controle do evento (MARCZAL, 2016).

Segundo Marcos Novaro (2016), a Junta Militar que tomou o poder era integrada por três comandantes gerais: Emilio Massera da Armada, Ramón Agosti da Força Aérea e Jorge R. Videla do Exército. E, o último foi designado presidente. O Processo tinha dois grandes objetivos: o primeiro era realizar uma profunda reestruturação socioeconômica baseado em um modelo neoliberal de abertura econômica, abandonando as perspectivas industrialistas e as intervenções do Estado, que predominavam no país desde a crise de 1930; o segundo era controlar e silenciar qualquer tipo de oposição a essas novas medidas econômicas, disciplinando a Argentina que contava com fortes experiências de mobilização sindical e política (DELGADO, 2019). Dessa forma, a Junta dedicou os dois primeiros anos de governo a aplicar seu plano “antisubversivo” que, além de fins repressivos, contemplava metas políticas, econômicas e internacionais; todas centradas na ideia de que a subversão era a síntese dos problemas que afetavam o país. Então, os golpistas formaram um Estado clandestino que aplicou um plano sistemático de repressão. Isso gerou fortes marcas na história argentina: 30 mil desaparecidos, incontáveis detentos e torturados, 500 crianças apropriadas e milhares de depoimentos que evidenciam a violação dos direitos humanos ocorrida entre 1976 e 1983 (DELGADO, 2019).

Conforme Julián Delgado (2019), a principal responsabilidade pela aplicação desse sistema de repressão corresponde às Forças Armadas, mas a Junta contou com apoios concretos, silêncios e omissões de cúmplices da sociedade civil que ajudaram a implantar as ações clandestinas. Diversas organizações empresariais e corporativas que se beneficiariam com a imposição do plano econômico neoliberal convocaram o golpe, celebraram o novo governo e colaboraram ativamente com os grupos de tarefas como, por exemplo, financiando-os, elaborando listas de funcionários “perigosos” e, inclusive, habilitando a instalação de centros clandestinos de detenção nos edifícios de suas fábricas.

A ditadura cívico-militar se impôs com força e parecia não sobrar nenhuma via de canalização de demandas, reclamações ou denúncias. Ela trabalhou na construção de sentidos sobre a realidade para justificar suas ações. Assim, a organização do Mundial de futebol em 1978 foi bastante importante para evidenciar a suposta aceitação da sociedade ao regime. Como o futebol é um fenômeno cultural de apreço das massas, foi usado como mecanismo de aproximação e legitimação junto à população (MARCZAL, 2016). Então, essa Copa não foi só um evento esportivo, mas também político (DELGADO, 2019).

Dessa forma, o regime militar enfatizou e capitalizou o caráter simbólico, político, social e econômico do importante evento esportivo. Durante o campeonato, o governo utilizou uma metonímia entre nação, povo e seleção argentina de futebol, buscando uma maior identificação popular com sua gestão (DI GIANO *et al.*, 2008). A criação de organismos e a manutenção de dependências estatais exclusivas para a organização do campeonato foram a cristalização de um processo com ambições muito mais amplas que as meramente esportivas. Como referência a isso, Dantas (2014) evidencia a música oficial do Mundial de autoria de Martín Darre que foi amplamente divulgada e dizia:

25 millones de argentinos
 jugaremos el Mundial
 Mundial la justa deportiva sin igual
 Mundial un grito de entusiasmo universal
 vibrar, soñar, luchar, triunfar
 luciendo siempre sobre la ambición y la ansiedad
 temple y dignidad
 jugar en limpia competencia hasta en final
 sentir latente en cuerpo y alma el ideal
 así brindar a todos nuestra enseña grande
 y fraternal, azul y blanca celestial
 con fervor enfrentaremos
 con amor recibiremos
 con honor en la victoria o en la derrota
 palpitando igual, nuestro corazón
 ... silbado ...
 luciremos nuestra imagen
 en deporte y en cultura
 brindaremos a hermanos
 de otras tierras nuestra proverbial
 hospitalidad
 mundial la justa deportiva sin igual
 mundial un grito de entusiasmo universal
 vibrar, soñar, luchar, triunfar
 luciendo siempre sobre la ambición y la ansiedad
 temple y dignidad
 jugar en limpia competencia hasta en final
 sentir latente en cuerpo y alma el ideal
 así brindar a todos nuestra enseña grande
 y fraternal, azul y blanca celestial
 25 millones de argentinos
 jugaremos el Mundial

Arlei Damo (2012), levando em consideração a questão do engajamento como crucial para entender o público do futebol de espetáculo, afirma que existem duas estratégias principais de pertencimento clubístico: uma controlada pela FIFA e se concentra basicamente em competições de seleções de Estados-nações (a que interessa nesse artigo); e outra mais ampla, composta pelos múltiplos certames de competições clubísticas. A diferença das duas é simbólica, já que diz respeito ao engajamento do público. O motor do nacional é a identificação dos torcedores com as equipes que representam a nação, é o trabalho de identificação entre um pequeno coletivo (11 homens) e outro muito extenso (membros da nação). Dessa forma, se beneficia de uma identificação já estabelecida no âmbito do nacionalismo

Nota-se, então, que a realização do evento foi um elemento muito importante na renovação de consenso pelos militares argentinos e a Copa foi associada ao próprio projeto de “Nação” que eles tinham (MAGALHÃES, 2010). Uma Nação é um território que não é compartilhado com outros. Conforme Eduardo Archetti (2008), através do futebol, a ideia de território e pertencimento se redefinem. Segundo o autor, o futebol é um esporte de origem britânico que se transformava em nacional e interno. E, sendo assim, a questão da identidade está profundamente vinculada ao futebol. Arlei Damo (2012) afirma que a estrutura do jogo, que pressupõe uma disputa bem demarcada entre um eu e um outro, favorece a instauração da identificação e da diferenciação. Ainda mais porque o futebol é um rito do tipo disjuntivo, no qual há vencedores e vencidos. Porém, uns e outros são partes indissociáveis da dinâmica do jogo, pois basta que um deles se negue a cumprir o papel que lhe é estruturalmente dado para que o jogo perca o sentido. Adversários de um jogo são, sob este ponto de vista, parceiros de um evento. Afinal, o jogo suscita a presença de um outro, contra quem, mas também com quem se joga. Então, o “nacional” é um espelho, onde o olhar dos outros é quase tão importante como o olhar dos próprios nativos (ARCHETTI, 2008).

Conforme Lívia Gonçalves Magalhães e Janaina Martins Cordeiro (2016), os militares enfatizavam que a vitória era do povo argentino, nem só dos jogadores, nem só do regime, mas sim o povo que era responsável pelo êxito. Partindo desse pressuposto, se incluíam como parte do povo. O presidente era um “homem comum”; torcedor, presidente e cidadão tornaram-se sinônimos. A partir desta “humanização” do presidente Videla foi possível criar canais de aproximação. E, indiretamente, como parte do povo, a conquista era também dos líderes. Desse modo, criavam não apenas um canal de identidade com as massas, mas também canalizavam para si a vitória esportiva.

O governo gastou altíssimas somas em dinheiro e se ocupou de cada detalhe para difundir a imagem de um país feliz, pacífico e em pleno desenvolvimento econômico (DELGADO, 2019). Segundo os dados oficiais, o Mundial de 78 foi orçado estimativamente em 520 milhões de dólares, quatro vezes mais do que no Mundial da Espanha, em 1982. O EAM tomou conta dos gastos e assumiu formalmente a organização do evento, a *Asociación del Fútbol Argentino* (AFA) ficou com um papel apenas de assessoria. Essa estrutura, aceita pela FIFA, facilitava o controle absoluto na organização da competição internacional pelos militares (ALABARCES, 2002).

Conforme Pablo Alabarces (2002) e Sebastián Arribas (2014), o primeiro dirigente da Entidade Autárquica Mundial 78 foi o general Actis, partidário de uma ação mais moderada. Por isso, ele tinha muitos problemas com Carlos Lacoste, homem de confiança de Massera, o chefe da Armada que ambicionava suceder a Videla na presidência. Actis foi executado em um atentado e Lacoste tornou-se a figura forte do torneio internacional. Começou, então, uma disputa entre a Marinha e o Exército pelo negócio político e econômico do evento.

Três municípios argentinos ganharam estádios. Em Mar del Plata foi erguido o JM Minella; em Córdoba e em Mendoza, os campos levaram o nome das cidades. Outros três foram reformados, dois em Buenos Aires (o Monumental de Nuñez do Clube Atlético River Plate, e o José Amalfitani do Clube Atlético Vélez Sarsfield) e um em Rosário (o Gigante de Arroyito do Clube Atlético Rosário Central). Para o Ministério da Economia, os gastos da Copa seriam extremamente pesados para os cofres públicos, que já estavam esvaçados pelo início da aplicação de políticas econômicas neoliberais. Mas, a Junta Militar queria, a qualquer custo, propagar os ideais nacionalistas internamente e tentar melhorar a imagem do país (ALABARCES, 2002; ARRIBAS, 2014). Havia uma expectativa de que o fluxo de turistas em direção ao país compensasse o desfalque na economia causado pelos gastos exagerados. No entanto, a estimativa de receber até 60 mil turistas não se cumpriu: apenas sete mil estrangeiros visitaram a Argentina durante a Copa, além de 2400 jornalistas e 400 convidados de honra (MAGALHÃES, 2012).

Chegando ao poder, o governo ditatorial passou a gerenciar, através da censura, os programas das emissoras de televisão. Essas só exibiam programas estatais e as partidas de futebol apresentadas livremente (DOWDLE, 2011). Além de limitar a atuação da imprensa para ocultar o desrespeito aos direitos humanos, a Junta Militar usou a repressão militar a grupos políticos opositores. A agência Burson Masteller, especializada em publicidade para ditaduras, foi a responsável por desenvolver uma extensa campanha para divulgar a “paz” argentina pelo mundo através do *slogan* “Los Argentinos somos Derechos y Humanos” (BERNS, 2007). Ademais dos investimentos na infraestrutura, a FIFA exigiu a transmissão em cores das partidas. Isso levou o governo militar a criar a ATC – Argentina Televisora Color, emissora oficial do Mundial. Os primeiros jogos, com tecnologia de ponta e em cores, foram levados para as residências de telespectadores do exterior e apenas o final foi apresentado colorido nas casas argentinas.

Segundo Pablo Llonto (2005), no âmbito internacional, em 1977, diversas organizações bastante heterogêneas de direitos humanos europeias, encabeçadas pelos exilados argentinos no velho continente, pensavam em fazer um boicote ao Mundial de 1978. O Comitê de Boicote do Mundial de Futebol na Argentina (COBA), um dos principais polos de contestação ao Mundial de 1978, objetivava tornar público o desrespeito aos direitos humanos de duas formas principais: a primeira era a transferência da sede do evento, ante a eminente instrumentalização operada pela ditadura local e, a segunda, era a não participação da seleção francesa diante da permanência da Argentina como sede da competição. As ações de boicote do Comitê foram distintas, tais como publicação de manifestos; envio de cartas às autoridades, exigindo um posicionamento rígido sobre os direitos humanos e as

convocando a aderir ao boicote; manifestações nas ruas e em frente à embaixada da Argentina em Paris; coleta de abaixo-assinados; confecção de panfletos e cartazes; organização de exposições de artistas que produziram material para o movimento; entre outras (MARCZAL, 2016)

O Comitê fez várias denúncias junto à Organização das Nações Unidas (ONU). Todavia, o veto da União Soviética não permitiu a intervenção da ONU no país. Após o Mundial, o trabalho do COBA prosseguiu e, ainda que o boicote não tenha sido exitoso, os manifestantes conseguiram o reconhecimento do parlamento europeu que, em 1979, admitiu o terrorismo estatal na Argentina.

A Junta Militar afirmou que as ações desse grupo era parte de uma campanha “antiargentina” (ARRIBAS, 2005). De acordo com Livia Gonçalves Magalhães (2014), se aproveitou a ideia de uma Copa realizada com a ajuda de “todos os argentinos”, desde os “heróis” - atletas que mostrariam em campo o modelo de sociedade argentina, até o “jogador nº12” – os torcedores que encheriam os novos e/ou remodelados estádios do evento e que assim mostrariam ao mundo a “verdadeira realidade” àqueles estrangeiros da campanha antiargentina. Segundo o regime, essa campanha era orquestrada por organismos de solidariedade e inclusive alguns governos ocidentais, o que provava que já estavam impregnados pelo comunismo (NOVARO, 2016). Então, os militares denunciavam um movimento internacional contra o país por parte de organizações de Direitos Humanos, organismos internacionais e exilados no exterior, mas na realidade essa “campanha antiargentina” era a atualização, com mais força em 78, de antigas denúncias que existiam desde o primeiro ano do regime (FRANCO, 2005 *apud* MAGALHÃES; CORDEIRO, 2016).

A postura dos meios de comunicação, controlados pelo governo, foi de multiplicar a denúncia contra esta campanha. Esses eram usados como veículo de aproximação com a sociedade através de propagandas políticas que, constantemente, trabalhavam a imagem do regime (MAGALHÃES; CORDEIRO, 2016). Videla chegou a declarar: “Visitantes que se han sentido como en su propia tierra, tratados con afectuosa hospitalidad, podrán ahora testimoniar sobre la realidad de nuestra patria, deformada por una abierta campaña internacional” (MAGALHÃES, 2012).

Eduardo Galeano (2006) relatou: o Papa, de Roma, envia sua bênção para a Copa. Como fez Hitler, em 1936, nas Olimpíadas em Berlim, o Mundial argentino foi também uma das mais claras manobras de utilização política na história do esporte. Ao som de marchas militares, o general Jorge Rafael Videla condecorou o brasileiro João Havelange, na época presidente da FIFA, na cerimônia de inauguração no “Monumental de Buenos Aires”. Ali, a menos de mil metros do estádio, se encontrava o Auschwitz argentino³, o centro de tortura e extermínio da Escola de Mecânica da Armada (ESMA), o mais célebre campo de concentração da ditadura que governava o país. Lá, quem decidia quem vivia e quem morria era o capitão-tenente da Marinha Jorge Acosta. Ele era o chefe de inteligência do Centro de Operações

³ A sinistra combinação de gols e desaparecidos fez com que o Mundial fosse comparado com as Olimpíadas de 1936 na Alemanha nazista. Assim como nos jogos Olímpicos organizados por Hitler, a Copa da Argentina se realiza para contrastar as atrocidades que eram realizadas nos dois países.

Especiais que funcionava na Escola. Maria Seoane e Vicente Muleiro, também narraram essa passagem da história em seu livro sobre o ditador Videla:

El primero de junio Videla inauguró, en la cancha de River Plate, El XI Campeonato Mundial de Fútbol. Pidió a *Dios, nuestro Señor que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz, esta paz que todos deseamos para todo el mundo y para los hombres del mundo.* (SEOANE; MULEIRO, 2006).

A ditadura também montou, na ESMA, um escritório de imprensa clandestina, chamado "La Pecera", para disfarçar os atos militares e com o objetivo de consolidar a campanha pró-Argentina. Os repressores tinham percebido o elevado nível intelectual dos prisioneiros e aproveitaram isso. Na parte superior do edifício, em uma sala, os próprios detentos eram obrigados, sempre sob ameaças de morte, a atuar como jornalistas, a criar textos "informativos" favoráveis ao regime, a monitorar as notícias que os meios estrangeiros publicavam sobre o país e a contestar toda essa propaganda internacional contrária (RONDÓN, 2017).

Devido às notícias no mundo sobre a situação na Argentina, o presidente da FIFA, Havelange, era pressionado para levar o Mundial para o Brasil. Pablo Llonto (2005) evidenciou que o número 1 do futebol mundial e o número 1 da ditadura argentina trocaram a permanência da organização da Copa pela liberação de Paulo Antonio Paranaguá, filho de um diplomata brasileiro que foi preso junto com sua namorada em 1977. "General, usted tiene mi palabra. La FIFA no pondrá en duda a la Argentina como organizadora y tendrán todo nuestro respaldo". – Foi o recado do presidente da Federação de Futebol.

Os jornalistas que cobriam o Mundial tinham passado por um grande susto. Três semanas antes de começar a competição, um carro-bomba explodiu no Teatro Municipal San Martín, em plena avenida Corrientes em Buenos Aires, onde funcionava o Centro Internacional de Imprensa. Então, de acordo com o jornalista Juan Gasparini (2008), os Montoneros – guerrilheiros peronistas contrários ao regime – propuseram às Forças Armadas uma “trégua” durante o campeonato, mas a ditadura, sabendo que a guerrilha já estava a caminho da derrota, nunca deu resposta.

No habrá, de nuestra parte, ningún recrudecimiento de la lucha armada durante este período. Vamos aún más lejos: proponemos una tregua a la dictadura militar del general Jorge Rafael Videla. Que se dé una respuesta a esta propuesta para que los contactos necesarios sean establecidos. En caso contrario, retomaremos nuestra libertad de acción. (Rodolfo Galimberti, a Edward Bailby de L'Express, París, Del 10 al 16 de abril de 1978, num. 1.396. *apud* GASPARINI, 2008, p. 172)

Era cierto que el Estado argentino había contraído el compromiso de realizar ese Mundial con anterioridad a la instauración de la dictadura. También que al pueblo le apasionaba el fútbol y que resultaba placentero imaginar ganar ese trofeo. Por lo demás la ocasión se presentaba propicia para que la situación nacional pudiera ser desmenuzada por la prensa del mundo entero, lo que

en principio, no convenía a las fuerzas armadas. En la retina internacional podría grabarse que la guerra no había terminado y que la ‘subversión’ aguantaba el cimbronazo. Anteponiendo el impulso guerrero a cualquier otra consideración, con ‘Argentina Campeón, Videla al paredón’, los Montoneros no boicotearon el Mundial. Decididamente la lucha armada se explicaba en sí misma. (GASPARINI, 2008 p. 172).

Na verdade, Montoneros, com a maioria de seus quadros mortos, desaparecidos, prisioneiros, exilados ou dispersos contava, naquele momento, com uma capacidade operacional muito reduzida que só permitia realizar uma ou outra ação isolada. Optaram por desenvolver uma divulgação internacional de denúncias com a participação da enorme massa de exilados.

Em abril de 1977, um grupo de mães de desaparecidos começou a se reunir, espontaneamente, na Plaza de Mayo, na frente da casa de governo em Buenos Aires, para ter informações sobre seus filhos junto ao Ministério do Interior. Frente às ameaças da polícia de prisão, caso realizassem reuniões públicas, decidiram caminhar em círculos ao redor da praça (NOVARO, 2016). No decorrer da Copa, as Madres de Plaza de Mayo seguiram seus protestos em meio à praça, pedindo notícias de seus familiares e, nesta oportunidade, aproveitavam a presença de jornalistas estrangeiros para denunciar as desapareições. O governo, através da cumplicidade midiática, desqualificava e degradava a imagem das mães, alegava que as “Locas de Plaza de Mayo” queriam continuar a luta subversiva de seus filhos. Segundo Ulises Gorini:

Si las miradas del planeta entero convergerían sobre la Argentina y Buenos Aires sería el escenario privilegiado de la Copa del Mundo, la Plaza de Mayo, centro político, histórico y turístico, era un sitio clave en cuestión de imagen. Y aquello que la dictadura se empeñaba en negar, las Madres lo demostraban, con su sola permanencia, de una manera irrefutable. (GORINI, 2011)

Assim, enquanto a totalidade das mídias nacionais e a grande maioria das internacionais difundiam a informação, o discurso e o espetáculo da Copa, como estava previsto pela tirania; a televisão holandesa saiu do *script* e, pelas telas da Holanda, se viu a ronda das Madres de Plaza de Mayo. No mesmo horário em que se inaugurava o Mundial, as “loucas de pano branco”, com a praça mais vazia do que nunca, a exceção de suas próprias presenças e de um número significativo de jornalistas estrangeiros, realizaram sua silenciosa marcha. “Fue gracias a los periodistas que vinieron por el Mundial que tuvimos nuestros primeros grupos de apoyo” - lembra Mercedes Meronio, vice-presidente da Associação de Madres de Plaza de Mayo (*apud* GORINI, 2011).

O Mundial foi a confirmação esportiva de toda a ocultação pretendida. A seleção estava sob o comando de César Luis Menotti, “El Flaco”. Ele havia sido escolhido ainda em 1974, durante o governo da família Perón e era ex-filiado ao Partido Comunista Argentino. Por um lado, os militares queriam sua cabeça, por outro, o consideravam intocável como um funcionário do “Processo”. Sabendo do talento do treinador e que no futebol é necessário algum tempo para os resultados aparecerem, decidiram mantê-lo para garantir a conquista do título do Mundial (DIAS, 2015).

Os grandes meios de comunicação davam um forte impulso à figura de Menotti para que pudesse encarnar um tipo de herói nacional e o exitoso treinador se prestou a que muitos jornalistas o tratassem com superlativos. “Todos los presos políticos, los perseguidos, los torturados y los familiares de los desaparecidos estábamos esperando que Menotti dijera algo, que tuviera un gesto solidario, pero no dijo nada. Fue doloroso y muy jodido de su parte. Él también estaba haciendo política con su silencio.”⁴, disse Adolfo Pérez Esquivel, Premio Nobel da Paz em 1980 e preso político na ditadura.

A bola em campo

A Copa do Mundo FIFA de 1978 foi a 11^a Copa do Mundo disputada. Tudo ocorreu dentro da previsão, a despeito de todos os horrores que aconteciam nos bastidores. Apesar dos rios de sangue, a bola rolou e deixou muitas histórias. Participaram dez países da Europa, quatro da América, Irã e Tunísia.

Pablo Alabarces (2002) e Sebastián Arribas (2014), afirmam que a Seleção Argentina contava com bons atletas como o goleiro Ubaldo Fillol, o capitão Daniel Passarella, o meia Osvaldo Ardiles, o artilheiro Mario Kempes e o atacante Leopoldo Luque. Uma equipe que vestia a camiseta e entrava em campo para arrasar, mesmo com o que acontecia em seu entorno. O técnico Menotti tinha decidido deixar de fora Diego Maradona, ainda muito jovem, com apenas 17 anos na época.

Os anfitriões venceram a Hungria e França pelo mesmo placar (2 x 1). A vitória sobre a Seleção Francesa assegurava a classificação da albiceleste, mas faltava ainda enfrentar a Itália. Acabou por sofrer uma inesperada derrota contra a Seleção Italiana (1 x 0), que a obrigou a se transladar até a cidade de Rosário para disputar a segunda fase.

Como nunca antes el deporte marcaba el ritmo de la vida política y social de los argentinos. A medida que la Selección cosechaba triunfos – ya había ganado frente a Hungría y Francia, en ambos casos 2 a 1 – el fervor popular crecía y con él se elevaba el nacionalismo que aparecía involucrar tanto el orgullo por el equipo, como la autoestima patriótica y la defensa del gobierno como un todo y una misma cuestión. Incluso, el tercer partido para la Argentina, en que debió enfrentar a Italia, frente a quien sufrió su primera derrota, poniendo en peligro la posibilidad de que no se coronaran sus esfuerzos, sirvió para exacerbar aún más el compromiso popular con lo que estaba sucediendo. ‘No es la primera vez que nos enfrentamos a una dificultad, los argentinos estamos acostumbrados a enfrentarlas, y también a vencerlas’, repetía el discurso mediático en una generalización que podía sugerir tanto los traspiés y las victorias futbolísticas como la aparición de la ‘subversión’ y su proclamada derrota por parte de los militares (GORINI, 2011).

⁴ Depoimento disponível em: <http://www.elortiba.org/old/mundial78.html>. Acessado 10 de Abril de 2020.

Assim, a azul e branca caiu no mesmo grupo do Brasil na fase semifinal, ao lado do Peru e da Polônia. Argentina venceu a Polônia com dois gols de Kempes (2 x 0) e a potência ofensiva da equipe de Menotti começou a aflorar. Chegava o momento crucial de enfrentar o Brasil, um dos principais candidatos ao título mundial e que também vivia sob uma ditadura militar e apenas uma equipe do grupo iria para a decisão. Brasil e Argentina empataram (0 x 0) em uma partida brigada como se fosse uma final. Como ambos tinham a mesma quantidade de pontos, a definição do finalista de chave ficava para a última data (DOWDLE, 2011).

Conforme relata Ricardo Gotta (2008), o Brasil fez 3 x 1 na Polônia e esse resultado obrigou o time da casa, mais tarde no mesmo dia, a vencer o Peru por quatro gols de diferença. Os ditadores, não contentes apenas com a realização do evento, estavam dispostos a fazer qualquer coisa pela vitória de sua seleção (MAGALHÃES, 2010). Antes da partida, o presidente de facto Videla foi até a concentração do Peru desejar “sorte” aos jogadores peruanos. Livia Magalhães (2010) relata:

A partida entre Brasil e Polônia foi marcada para algumas horas antes do confronto entre Peru e Argentina, o que dava aos últimos a vantagem de saber por qual resultado jogar. Segundo consta, a FIFA atendeu a um pedido das emissoras de TV argentinas, que diziam estarem se adaptando à transmissão em cores. Assim, com a vitória brasileira por 3X1, os argentinos entraram em campo sabendo que, para serem finalistas, tinham que ganhar com pelo menos 4 gols de vantagem. O Peru já estava desclassificado, o que só aumenta as suspeitas de que o jogo foi arranjado. O Presidente argentino, Jorge Rafael Videla, foi ao vestiário do adversário antes do início da partida, junto com Henry Kissinger, ex-membro do governo dos Estados Unidos, o que para muitos foi uma forma de pressão para garantir o resultado. (MAGALHÃES, 2010)

A Argentina massacrou os peruanos e conseguiu golear por 6 x 0 em um jogo que até hoje dá lugar a dúvidas. O goleiro do Peru, Quiroga (nascido na Argentina) foi acusado pelos próprios companheiros de “ajudar” os adversários. O outro suspeito era o defensor peruano Rodolfo Manzo que, logo após o Mundial, passou a jogar no time do Vélez Sarsfield na Argentina. Luciano Wernicke (2010) aponta:

[...] distintos medios de comunicación sugirieron que el arquero peruano Ramón Quiroga, nacido en Argentina, no se había esforzado demasiado ante sus compatriotas. Quiroga era rosarino y había actuado para Rosario Central, en cuyo estadio se realizó el cuestionado *match*. Sus buenas actuaciones en el arco de *Sporting Cristal de Lima* lo llevaron a nacionalizarse peruano y vestir los colores nacionales. Al regresar a su país de adopción, el arquero envió a los diarios limeños una larga carta en la que se proclamaba inocente de haber recibido un soborno y explicaba las razones de la goleada en contra. Quienes sí reconocieron que hubo un ‘arreglo’ fueron varios de sus

compañeros, aunque siempre mediante confesiones ‘anónimas’ a diferentes medios de comunicación. (WERNICKE, 2010)

No momento em que Leopoldo Luque marcou o quarto gol para a Argentina contra o Peru, estourou uma bomba na casa de Juan Alemann, secretário da Fazenda e crítico à organização do Mundial. Era de se supor que, quem colocou a bomba na casa do ministro, soubesse que a seleção anfitriã faria os quatro gols que necessitava para se classificar. Alemann sempre sugeriu que aquele atentado foi por consequência de suas críticas aos gastos da Copa e apontou a Lacoste como suposto culpado.

Sugestivamente, quinze dias depois da Copa, a Junta ordenou uma doação de duas toneladas de trigo ao Peru. Algumas fontes, que defendem a teoria do suborno, indicaram que essa atitude - além de envio de dinheiro para alguns jogadores - era parte do acordo entre os regimes de ambos países como uma troca pela goleada. Sem nenhuma confirmação até hoje, o que se sabe é que a Argentina venceu por 6X0 e garantiu seu lugar na grande final (MAGALHÃES, 2010).

Os argentinos classificaram-se, então, para a final contra a Holanda. Aos 37 minutos da partida, Leopoldo Luque fez uma boa jogada e tocou para Kempes abrir o placar para os sul-americanos, sacudindo o Monumental. Porém, a “Laranja Mecânica”⁵ voltou melhor no segundo tempo. Sob o comando de Rene van der Kerkhof, chegou várias vezes ao gol, mas esbarrou em Fillol. A pressão holandesa continuou até aos 37 minutos, quando Nanninga, reserva, cabeceou com precisão.

Aos 44 minutos do segundo tempo, Resenbrink acertou o travessão da Seleção albiceleste e calou o Monumental de Núñez. Na prorrogação, prevaleceu o “antijogo” da Argentina, que aproveitou o tempo de bola e a força da torcida. Aos 15 minutos do primeiro tempo da prorrogação, Kempes colocou os argentinos em vantagem e se isolou na artilharia do torneio. O jogo não se destacou nem pela virtuosidade nem pela técnica dos jogadores, mas sim pela garra com que atuaram ambos grupos. A quatro minutos do fim do jogo, Bertoni fez mais um e consagrou o primeiro título argentino.

La final entre Argentina y Holanda se definió por alargue. Ganaron los argentinos 3 a 1 y en cierta medida la victoria fue posible gracias al patriotismo del palo que salvó al arco argentino en el último minuto del tiempo reglamentario. Ese palo, que detuvo un pelotazo de Rensenbrink, nunca fue objeto de honores militares, por esas cosas de la ingratitud humana. De todos modos, más decisivos que el palo resultaron los goles de Mario Kempes, un potro imparable que se lució galopando, con la pelambre al viento, sobre el césped nevado de papelitos. (GALEANO, 2006, p. 51)

Jugaba Argentina contra Holanda. De un modo cuanto menos singular, el gobierno no apostaba a que el triunfo del seleccionado nacional no solo fuera la coronación de todos sus esfuerzos sino

⁵ Apelido dado à Seleção holandesa após a Copa de 1974, referência tanto à cor da camisa holandesa quanto ao filme homônimo de Stanley Kubrick, de 1971, grande sucesso do cinema na época.

también una compensación por la afronta de ese país en materia de derechos humanos; nadie lo decía pero el tema estaba en el aire. 'El que no salta es un holandés', gritaban en la tribuna y en las calles. (GORINI, 2011)

Formou-se uma grande festa popular em que todos festejavam juntos, mesmo sem se conhecer. Kempes foi o melhor jogador e goleador da Copa, com seis gols. Atrás dele, o peruano Cubillas e o Holandês Resenbrink com cinco gols cada. No momento da premiação, os vice-campeões holandeses se negaram a cumprimentar os chefes da ditadura argentina. O Brasil acabou eliminado, mas venceu a Itália na disputa do terceiro lugar por 2 x 1. Voltou para casa invicto (quatro vitórias e três empates) e com o "glorioso" título de campeão moral. O reconhecimento de uma organização competente com forte apoio popular serviu para demonstrar a capacidade de realização argentina sob a administração do autoritário Proceso de Reorganización Nacional, conforme narram os relatos:

La obtención de la Copa por parte de la selección nacional dio rienda suelta a expresiones espontáneas: muchos intelectuales, artistas y políticos se sumaron a los festejos masivos y en algunos casos fueron más allá de lo deportivo, reconociéndole a la Junta el mérito por haber hecho posible 'la fiesta de todos'. (NOVARO, 2016)

Al día siguiente de la final jugada por la selección local ante Holanda, por 3 a 1, el presidente de facto Videla se presentó en el centro de prensa para dialogar con los enviados extranjeros. 'Después de dos años y medio en que las fuerzas armadas se hicieron cargo del poder político y de recibir un país postrado, podemos mostrarlo de pie a los ojos del mundo con el esfuerzo de todos los argentinos y en marcha hacia la consecución de los objetivos finales: una democracia realmente representativa'. Lo único que resultó más patético que sus palabras fue el pedido de 'autógrafos' que varios periodistas le hicieron al nefasto dictador. (WERNICKE, 2010)

Assim, o regime militar conseguiu transformar em sua a inédita conquista futebolística argentina. No estádio do River Plate, a torcida argentina comemorava o título ovacionando o Presidente Videla e seus companheiros da Junta Militar que governavam o país (MAGALHÃES, 2010). A vitória tornou-se um importante elemento no projeto político como forma de legitimação popular da ditadura em seus primeiros anos.

Considerações Finais

A Copa do Mundo de 1978 da FIFA continua sendo muito mais que um capítulo na história argentina. São marcas, vozes e olhares que ainda ecoam, assim como o pulsar da glória gravados na memória nacional. Apesar da ditadura e da repressão, a Seleção Argentina conquistava sua primeira Copa do Mundo, era motivo de festejo para a maior parte da população e para o

governo. O *slogan* “25 milhões de argentinos jogaremos o Mundial” cumpriu-se e o país saiu às ruas a festejar a conquista. A euforia de um país apaixonado pelo futebol e o logro da seleção se misturavam com um genocídio sem piedade.

O sucesso histórico de Fillol, um goleiro formidável, de Daniel Passarella, “el gran capitán”, de Ardiles, o motor do meio-campo, e de Mario Kempes, o potente goleador, nunca poderá ser evocado como festa completa. A Argentina viveu, durante o Mundial, a história de dois perfis arrasadores e contrapostos: o de Kempes, o matador, o dos campos de jogo; mas também o de Videla, o assassino, o dos campos de concentração e extermínio. Os gritos de gol encobriam os urros dos torturados.

E se fosse diferente? O que teria acontecido se aquela bola chutada por Robby Rensenbrink, que estourou no travessão, entrasse e a Holanda terminasse por ganhar aquela final por 2x1? A Junta Militar de Videla e Massera não poderia ter impedido o movimento da bola. Será que se consolidaria o mandato da ditadura militar?

O Mundial foi sangrento, foi a propaganda de um governo de facto que escondeu grande parte da história nefasta dos argentinos. O evento favoreceu a Argentina pela construção de obras, criação de empregos e surgimento da televisão em cores. Mas, deixou também o legado da duplicação da dívida externa. A conquista deu legitimidade ao “Processo”, através de sua propaganda nacionalista e, ao mesmo tempo, ocultou o terrorismo de um governo que deixou o país com 30.000 desaparecidos.

Até hoje, repercute mundialmente a triste e deprimente política argentina de eliminar opositores do regime. Passados tantos anos, netos e filhos de desaparecidos, muitos arrancados dos braços dos pais, ainda tomam conhecimento de sua verdadeira história. A que lhes haviam contado era de uma Argentina vitoriosa e triunfante, sadia e esportiva, não a que roubava crianças e que matava os contrários ao regime.

As Madres da Plaza de Mayo são responsáveis por encontrar alguns de seus parentes e escancarar a história oficial. As bravas senhoras provocam a indignação internacional: na mesma época em que o país arrancava a euforia da torcida, extraía bebês dos ventres maternos, matava e desmantelava famílias. Em meio a festejos populares, as procissões da Associação denunciavam a narrativa oficialista projetada para o evento.

Desse modo, conforme Ernesto Marczal (2016), a correlação entre futebol enquanto paixão popular e Copa do Mundo como fenômeno massivo, não incorreram em um sinônimo automático de alienação política. Mesmo que o evento tenha sido instrumentado por parte dos espaços hegemônicos e, sobretudo, por grande parte das narrativas da mídia nacional, também houve espaço para a articulação de leituras contestatórias. De toda forma, segundo o autor, tais condições não eram uma produção do esporte em si, mas dos discursos confeccionados sobre ele e a partir de sua mobilização passional.

Desse modo, entre os conscientes e contrários aos acontecimentos terroristas no país o desejo era de que os visitantes não se cegassem com a propaganda do governo. Esses tinham uma relação dúbia com o evento. Por um lado, a vontade de ganhar a Copa, o entendimento que a Seleção contava com ótimos jogadores e, conseqüentemente, a não oposição e suporte ao

Mundial. E, por outro, a denúncia sobre os desaparecidos e o sofrimento de famílias com a ausência de entes queridos (BOUSQUET, 1982).

Conforme Pablo Alabarces (1998), se a Junta utilizou o Mundial como garantia de legitimação, em contrapartida, a rua era recuperada como espaço de manifestação popular sob um estado de sítio que controlava com repressão e não permitia manifestações coletivas. Até agora, o estudo dos comportamentos das torcidas de futebol durante a ditadura não foi suficientemente explorado. Acredita-se que o futebol, juntamente com o movimento de direitos humanos e os *show's* de rock, constituíam um espaço de contestação simbólica. Também graças à atenção que o mundo dava ao país naquela ocasião, houve um forte aumento das denúncias contra as violações de direitos humanos, de desaparecimentos forçados de pessoas e de terrorismo de Estado (MAGALHÃES; CORDEIRO, 2016).

A conclusão é uma: não há relação de causalidade demonstrada entre um feito esportivo e um comportamento político (*ibidem*). Assim não significa que apoiar (ou não) a Seleção Nacional - em um país tão futebolizado e em um mundial que despertou o interesse de uma ditadura - não significou apoiar nem rechaçar as ações de terrorismo. Para Livia Magalhães (2014), é necessário, de fato, considerar tanto a autonomia do futebol e dos esportes em geral, como as diferentes vivências dos sujeitos envolvidos.

As bandeiras argentinas que flamulavam alegres nos estádios não representavam o momento pelo qual passava o país e seu povo, mas a vitória no Mundial justificaria mais cinco anos de ditadura. A crise econômica agravou-se durante o grande evento, mas a exaltação da Nação, principal objetivo dos ditadores, foi realmente um sucesso, atingindo os objetivos dos mandatários.

O oxigênio extra ganho com o Mundial não impediria que a ditadura continuasse afundando politicamente. Menos de quatro anos depois, necessitada de outro golpe de efeito que a resgatasse aos olhos do povo argentino, embarcaria em uma aventura bélica que cobraria mais vidas humanas: a guerra de Malvinas. Essa estratégia, dessa vez, resultou mal, o inimigo a enfrentar não era mais a Laranja Mecânica, senão uma velha potência imperial apoiada pelos Estados Unidos. A derrota obrigou o ditador Galtieri a renunciar; pouco depois seriam forçados a chamar eleições livres e democráticas e abandonar definitivamente o poder. O futebol argentino também teria outra oportunidade: no México 86 voltaria a ser campeão do mundo, agora sim, com Diego Maradona, a lenda do futebol mundial que faleceu em novembro de 2020.

Referências Bibliográficas:

ALABARCES, Pablo. ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte? *Nueva Sociedad* Nro. 154 Marzo-Abril 1998, pp. 74-86.

ALABARCES, Pablo. *Fútbol y Pátria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo, 2002.

ARCHETTI, Eduardo P. El Potrero y El Pibe. Territorio y Pertenencia En El Imaginario del Fútbol Argentino. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 259-282, jul./dez. 2008.

ARRIBAS, Sebastián. *Mundiales: Historia Completa de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires: Editorial Dunken, 2014.

BERNS, Ariel Vicente. *La Sombra Del Mundial 78*. Buenos Aires: Instituto Memoria, 2007. Disponível em:
<<http://defensadelconsumidor.buenosaires.gov.ar/institutomemoria/notas/071121certamen/071121ensayo2.pdf>> Acesso em: Jan.2014.

BOUSQUET, Jean-Pierre. *Las locas de la plaza de mayo*. Buenos Aires: El Cid Editor, 1982.

CABO, Alvaro Vicente do. A Imprensa e as Copas do Mundo de Futebol no Mercosul. II Seminário interno PPGCOM UERJ. Rio de Janeiro – RJ 4 a 5 de Dezembro de 2008. *Contemporânea Edição Especial - VOL.6 Nº03*

DAMO, Arlei. Paixão partilhada e participativa – o caso do futebol. *História. Questões e Debates*, v. 57, 2012.

DANTAS, José Guibson. Espetáculo para além das quatro linhas: as interfaces entre, futebol, propaganda e autoritarismo nas copas do mundo de 34 e 78. In_: *Comunicação e esporte: copa do mundo 2014 [recurso eletrônico]* / Organizador Ary José Rocco Júnior. São Paulo: INTERCOM, 2014.

DELGADO, Julián. Capítulo 7 La dictadura militar: terrorismo de estado y plan económico neoliberal, 1976-1983. In_: VELASCO, Carolina González; PERCOVICH, Fernanda (coords.). *Problemas de historia argentina 1955-2011*. Universidad Nacional Arturo Jauretche, 2019.

DI GIANO, Roberto; VENCE, Antonio Domínguez; PONISIO, Julián; KRONENBERG, Maximiliano; SUSTAS, Sebastián. Copa Del Mundo 1978: La construcción mediática de un estilo. *EF deportes. Revista Digital*, ano 13, nº 121. Buenos Aires, 2008. Disponível em:
<http://www.efdeportes.com/efd121/copa-del-mundo-1978-la-construccion-mediatica-de-un-estilo.htm>. Acessado em Abril de 2020.

DIAS, Gustavo Monteiro. *Política e Futebol: A Copa do Mundo de 1978 na Argentina*. Monografia apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História. Brasília, 2015.

DOWDLE, Stephanie. *La Copa Mundial 1978: La Manipulación de La Junta Ante el Mundo*. Departamento de Español RLL Honores, 2011. Disponível em:
<https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/85260/sdowdle.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: Abril de 2020.

GALEANO, Eduardo. El Mundial de 78; La Felicidad. In: *El fútbol a sol y sombra*. Siglo XXI, 2006. p. 266 – 272.

GASTALDO, Édison. *Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo*. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GORINI, Ulises. Copa de Sangre. In: *La Rebelión de las Madres: Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Tomo I (1976-1983). La página, 2011. p. 181-195.

GORINI, Ulises. La Guerra de la Imagen. In: *La Rebelión de las Madres: Historia de las Madres de Plaza de Mayo*. Tomo I (1976-1983). La página, 2011. p.169-180.

GOTTA, Ricardo. *Fuimos Campeones: La Dictadura, el Mundial 78 y el Misterio Del 6 a 0 a Peru*. Edhasa, 2008.

GASPARINI, Juan. 1978: La “Tregua” del Mundial. In: *Montoneros: Final de Cuentas*. La Plata: De La Campana, 2008. p. 175 – 178.

LLONTO, Pablo. *La vergüenza de todos: El Dedo en la Llaga Del Mundial 78*. Ediciones Madres de Plaza de Mayo, 2005.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. De quem é a Copa? A memória social da conquista argentina de 1978. *Anais Eletrônicos do X Encontro Internacional da ANPHLAC*. São Paulo, 2012.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. *Histórias do futebol*. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves; CORDEIRO, Janaina Martins. O Poder Na Torcida: Consenso, Futebol e Ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978). *Revista Faces de Clio*. Vol. 2. N. 4. JUL./DEZ. 2016

MARCZAL, Ernesto Sobocinski. *¿Qué otra cosa se puede festejar? Paixão e política nas narrativas sobre a Copa do Mundo de Futebol na Argentina (1975-1978)*. Curitiba, 2016.

MASSERA, Almirante Emilio E. *El Camino a La democracia*. El Cid editor, 1979.

MÜLLER, Iuri. O asterisco sombrio do Mundial de 78. *Ilusionando*, 2010. Documento eletrônico disponível em: <http://ilusionando.wordpress.com/2010/01/14/o-asterisco-sombrio/>. Acessado em Abril de 2020.

NOVARO, Marcos. *Historia de la Argentina. 1955-2010*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

RONDÓN, Gloria de los Ángeles Zarza. *El fútbol como fiesta, el balón como bandera*. Amériqúe Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM [En línea], 33, 2017, Publicado el 19 junio 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/alhim/5697>. Acessado em Abril de 2020.

SEOANE, Maria; MULEIRO, Vicente. *El dictador: La historia secreta y pública de Jorge Rafael Videla*. Debolsillo, 2006.

WERNICKE, Luciano. Argentina 1978. In: *Historias Insólitas de los Mundiales de Fútbol*. Buenos Aires: Planeta, 2010. p. 144 – 154.

Recebido em 10 de abril de 2020
Aprovado em 04 de março de 2021